

# *O Crime do Castelo*

**Autora: Renata Soltanovitch**

**@renatasoltanovitch**

## **O Crime do Castelo**

Este conto foi originalmente publicado em 2012 por meio de uma editora, em contrato sob encomenda, preservando integralmente meus direitos autorais. Na época, foram distribuídos cerca de 100 exemplares impressos, oferecidos a amigos.

Agora, em 2026, decidi disponibilizá-lo em meu site apenas por entretenimento. Boa leitura!

## *O Crime do Castelo*

Já passava da meia-noite de uma sexta-feira qualquer quando os convidados foram chegando ao Castelo Gótico, em meio à Mata Atlântica.

Nada se tinha ao redor do Castelo que não fosse mato.

Para se chegar ao tal Castelo, onde a reunião da cúpula ocorreria na manhã seguinte, às 7h precisamente, era necessário atravessar 30 km de estrada de terra e 5k de um pequeno riacho, cuja ponte autorizava apenas um carro por vez.

Sem iluminação, na viagem até o Castelo só se via vagalumes e os faróis de outros poucos veículos que também se dirigiam para a reunião secreta da cúpula vermelha.

O silêncio era assustador, ouvia-se apenas o piar das corujas, ao longo dos 35 km, além do ruído causado por algum velho morcego, que, destoadado de seu bando, perdia o reflexo e chocava-se contra o veículo em movimento, confundindo-se entre o ronco dos motores e os faróis das luxuosas caminhonetes que ali circulavam.

Conta a lenda que, nesta estrada até o castelo, além da grande quantidade de pássaros, como tucanos, araras, iúnas, vez por outra ainda se via veados, cobras, hienas, saguis, lobos, pinguins, para não dizer saci-pererê e até mula sem cabeça.

A fauna e a flora enriqueciam o longo caminho até o castelo, que diziam ser mal-assombrado.

O visual do castelo era outro detalhe à parte, de fazer inveja a qualquer “Família Addams”.

No entanto, ao tocar a campainha, os convidados eram atendidos por um mordomo que, vestido em traje de gala, abria a porta, que rangia de forma macabra.

Elegantemente vestido, e usando luvas brancas, o tal mordomo, que era uma mistura de japonês com paraguaio, já fazia tremer qualquer convidado. Sem contar que muito pouco se entendia o que ele falava, até pela rapidez de seu pensamento. O linguajar parecia não acompanhar o raciocínio, e as palavras, muitas vezes misturadas, traziam uma tradução assustadora.

Ao chegar ao castelo, os convidados recebiam um “kit de boas-vindas”, composto por uma pequena maleta preta com segredo, chaves de acesso à porta da suíte, manual com regras de conduta a serem respeitadas no castelo e uma lanterna, já que a energia no local era precária e a queda de luz frequente.

Parecia mais um kit de sobrevivência do que de boas-vindas.

Nenhum convidado precisava se cadastrar, pois o mordomo já possuía a ficha completa de cada um que ali compareceria para tal reunião.

Nada, absolutamente nada, se passava sem que o mordomo soubesse.

Ao longo de toda a madrugada, os demais convidados continuaram a chegar. Dava para ouvir o ranger da grande porta de entrada e os passos largos e apressados daqueles que se aventuravam a transitar na região. Tinham como claridade somente os faróis dos carros, os lampejos dos vaga-lumes e a lua cheia, que insistia em aparecer triunfante sobre o lugar mal-assombrado, como se fizesse parte da própria paisagem.

Na manhã seguinte, às 7h02m, já estavam todos os convidados sentados no grande salão do café da manhã. Entreolhavam-se em silêncio, à espera da refeição matutina.

Alguns, por terem chegado ao longo da madrugada, ainda cambaleavam de sono. No entanto, sentiam que os personagens pintados daquelas belíssimas obras de

arte que enfeitavam o salão estavam a espionar o comportamento de todos que ali se sentavam.

Após um minuto e meio de silêncio, o Presidente e a organizadora daquela reunião de cúpula apareceram. Todos se levantaram e receberam um sinal para se sentarem. Em menos de 30 segundos, já estava na frente de cada convidado uma bandeja enriquecida com pães, frutas, cereais e café.

A degustação silenciosa também compunha uma das regras contidas no Kit recebido por cada convidado.

O silêncio é uma prece, e a alimentação uma fonte de energia que deve ser apreciada de forma concentrada, sem desvio de atenção.

Regra esta estranhada por todos os presentes, pois era do conhecimento de todos que o Presidente era um ótimo orador, de dar inveja, inclusive, a qualquer Fidel Castro.

Depois da refeição, foram todos encaminhados ao salão nobre, para dar início à reunião.

Era um salão muito bem decorado, com confortáveis sofás de couro de cobra ou jacaré, devidamente licenciados pelos órgãos competentes.

As cores não uniformes davam uma aparência macabra ao ambiente.

O salão era revestido de madeira escura, inclusive o piso, sendo parte dele decorada com tapetes de pele de vaca ou de urso - animais que costumavam circundar aquele castelo, embora o último não fosse visto com tanta frequência.

Embora não fosse nem 10h da manhã, uísque, vinho e cerveja com amendoim eram servidos na reunião, o que acabou deixando todos os convidados com o comportamento alterado – e este era o objetivo do anfitrião.

Os debates se acirravam, quando o mordomo anunciou que o almoço estava servido, no lado de fora do castelo, próximo ao parque de diversões que compunha o cenário assustador.

Conta a literatura do castelo que há cerca de 200 anos, naquele parque de diversões, morreram mais de 30 escravos em um acidente com um trem que pegou fogo, sendo que cinco deles eram crianças. Os ouvidos mais sensíveis ainda escutavam gritos, choros e pedidos de socorro.

Após o almoço, regado de carnes de toda espécie e das mais exóticas, além de cachaça da região, foram todos novamente convidados a entrar no salão roxo, onde se daria o início de mais uma reunião.

O entardecer já se fazia presente. A neblina, o chuvisco e o vento gelado faziam com que a paisagem do castelo sugerisse um cenário de filme macabro, algo do tipo Drácula. Para complementar o aspecto aterrorizante do cenário, a decoração do salão roxo, onde teria início mais uma reunião, era de envergonhar qualquer estagiário de arquitetura e design, pelo mau gosto e pelo ambiente assombroso que caracterizavam o lugar.

Aquela cor não fazia bom contraste com as paredes de madeira do salão, tampouco com as altas e largas estantes escuras, lotadas de livro com capas envelhecidas e de conteúdos impróprios.

Os poucos espaços vazios entre as prateleiras eram permeados por grandes janelas sujas, vidros fumês e quadros sombrios de pintores renascentistas. Ainda que belos os quadros, seus desenhos pareciam se comunicar com o lugar.

O que mais chamava atenção era que em todos os cômodos da casa, do hall de entrada às suítes dos hóspedes, havia uma imagem ou uma pintura de São Bento.

Do lado de fora do castelo, avistava-se a imagem talhada do santo em vários cantos, bem como de outras figuras bíblicas, e também de Exus, Pais de Santo e escravos.

Mas, para ver esses detalhes do castelo, era necessário aproximar bastante o olhar e elevar o pensamento à mais pura concentração, já que as figuras se mesclavam àquele cinza sombrio do ambiente. O nevoeiro fazia parte da paisagem do castelo.

A reunião se estendeu noite adentro. O zum-zum-zum, o falatório, as discussões acaloradas, de forma paralela, faziam com que aquele ambiente parecesse uma feira livre.

Quando todos estavam reunidos e o silêncio se fez para o pronunciamento do anfitrião, que daria uma informação importante, os olhos do homem se reviraram, sua boca espumou e o sangue começou a verter do nariz, olhos e ouvidos. Em seguida, desmaiou.

Imediatamente, seu fiel mordomo, juntamente com a Diretoria da cúpula, levou o anfitrião para o salão da abóboda dourada, local sagrado, que somente era visitado por aqueles que possuíam conhecimento bíblico comprovado por testes e condutas.

E ali permaneceu até que os socorristas prestassem os primeiros atendimentos.

O problema que se abatera sobre anfitrião era apenas o primeiro de uma série. Em seguida, os socorristas locais começaram a apresentar um quadro de eructação, flatulência e desarranjo intestinal sem precedentes. Pareciam sintomas causados por algo que se encontrara na comida ali servida.

Não tardou para se constatar que os demais hóspedes haviam sido acometidos pelo mesmo mal, despertando a suspeita de que poderia se tratar de um atentado geral ou um envenenamento coletivo.

Como se não bastasse a escuridão da noite, iniciou-se uma tempestade que impedia qualquer pessoa bem intencionada de sair do castelo em busca de socorro.

Os socorristas se revezavam no banheiro, na tentativa de estancar o sangue que escorria do rosto do anfitrião desmaiado.

Os cuidados com os demais hóspedes se resumia a evitar uma desidratação com auxílio do soro caseiro, receita simples, mas eficaz.

Alguém – não se sabe quem – conseguiu contatar a polícia local e o chefe geral apareceu no castelo como em um passe de mágica, daí porque era conhecido pelas iniciais AR, pela facilidade com que chegava e saía dos locais onde os crimes haviam sido cometidos.

O chefe da polícia não chegou só. Trouxe consigo sua melhor delegada – Célia – e seu fiel investigador português.

Elegante, bonita e charmosa, a delegada era uma mulher discreta. Usava salto baixo e uma bolsa de marca, contendo seu kit básico: batom, canivete suíço, espelhinho, lápis de olho, caneta e um fuzil AR15, autorizado pelas forças armadas.

Era conhecida apenas pelas iniciais “Ce”, justamente por ser corajosa, competente, criativa e carinhosa no trato com os suspeitos, deixando a cargo de seu investigador português as investidas destemidas e as necessárias perguntas aos suspeitos dos crimes.

Não demorou muito para que todos se tornassem suspeitos do atentado. E o chefe de polícia “AR”, a Delegada “Ce” e seu investigador português logo deram início aos interrogatórios naquela madrugada fria e chuvosa, na medida em que os hóspedes iam desocupando os banheiros das suítes.

A espiã do anfitrião – sim, o anfitrião, ao marcar a reunião no castelo gótico, sabendo que integrava a sua própria cúpula vermelha alguns traidores, contratou uma espiã – achava tudo muito estranho.

Seu nome era Branca e, por ser discreta, loira e baixinha, não chamava muita atenção, a não ser pelo fato de ser uma mulher bonita.

Durante a reunião, disfarçada de governanta, circulava entre os convidados comendo pipoca e questionava se todos estavam bem acomodados. Seu olhar atento repassava posteriormente ao anfitrião todas as impressões que tivera, a cada momento.

Desconfiada de toda aquela situação, a espiã Branca se apressou em chamar seus parceiros: o detetive Hugo e promotor Vieira. Dupla Perfeita.

Hugo era um detetive baixinho, ruivo e de óculos. Apreciador de cachimbos, trazia sempre um deles colado ao canto da boca, tipo Sherlock Holmes. O promotor, por sua vez, também era um homem de estatura baixa, só que mais elegante; usava ternos confeccionados sob medida e sapatos bem engraxados. Estava sempre com um celular nas mãos; alguns acreditavam que a função do equipamento não se restringia apenas à comunicação, mas também à gravação de imagens e conversas informais para estudos.

Depois de conversarem com Branca, a espiã, ambos foram falar com o chefe da comunicação do castelo, o Sr. Ray, mais conhecido como o fofoqueiro-mor.

Falante e sempre pronto para fofocar, quer dizer, para ajudar, Ray era o homem mais bem informado do local. Já havia passado todas as informações para o chefe da polícia, para a delegada e seu investigador português, e agora repassava-as ao detetive Hugo e ao promotor Vieira.

Posteriormente, descobriram que existia no castelo um chefe de segurança no castelo, mas que o sujeito vivia em lugar incerto e não sabido. Mesmo assim, saíram à sua procura.

Além dos convidados, precisariam da listagem de todos aqueles que trabalhavam no castelo. E coube ao mordomo entregar uma cópia dessa lista a cada autoridade incumbida de acompanhar as investigações do suposto atentado coletivo.

Durante o restante da madrugada, pouco se conseguiu fazer. Afinal, os convidados passavam mais tempo dentro do banheiro do que fora dele.

Melhor seria iniciar a operação pelos funcionários, que, no corre-corre de providenciar papel higiênico aos visitantes, ainda precisavam manter o local limpo.

Porém, algo chamou a atenção do detetive Hugo. Além de ouvir sucessivos sons de saltos de sapato e descargas, percebeu o ruído longínquo de um moedor cana-de-açúcar e de um canto<sup>1</sup> que mais parecia reza, ladainha ou novena.

Já brilhavam os primeiros raios de sol quando o detetive Hugo, aproveitando a trégua da chuva, resolveu vasculhar as redondezas do castelo para se certificar de onde vinha aquele canto. Foi então que se deparou com um senhor bem idoso e um empoeirado celeiro a quase 1 km da casa.

Ali, de fato, havia um moedor de cana encoberto por teias de aranha e por muito, mas muito, pó. Folhas secas espalhadas pelo chão sugeriam que há muito ninguém estivera naquele lugar.

Foram os raios de sol que, atravessando as frestas do celeiro, fizeram com que os diversos morcegos que lá se encontravam se debandassem para buscar outro abrigo. Aquela movimentação e barulho de asas assustaram o detetive Hugo. Mas logo sua mente voltou-se para a lembrança de ter ouvido o funcionamento do moedor de cana e a tal reza, ou canto alto.

---

<sup>1</sup> Embora “quem canta, os males espanta”

Intrigado, caminhou mais alguns metros e se deparou com um senhor bem velhinho, entretido com uma serpente que ali estava.

O tal velho, um mulato alto e ainda forte, apesar da idade avançada, autorizou a aproximação do detetive, avisando-o que a cobra era de estimação e que sua função era apenas auxiliá-lo na compreensão de certos movimentos e astúcias, de modo a aperfeiçoar o esporte que praticava.

Em seguida, se apresentou como Mestre ao detetive Hugo, que nada entendia, e, sem que lhe fosse perguntado, foi logo dizendo que o ruído do funcionamento do moedor de cana e da reza que o detetive há pouco escutara só poderia ser ouvido pelos raros homens agraciados com uma sensibilidade desprovida de preconceitos. Disse, ainda, que a reza era um pedido de proteção e que ele havia escutado o som do berimbau, autorizando o início daquela luta em que os escravos, após o árduo trabalho na moagem da cana, praticavam como forma de exercitar o corpo, a mente e a alma.

Olhando em volta, o detetive Hugo não viu escravos e constatou ser impossível o funcionamento do moedor de cana. Ao voltar o olhar para local em que avistara o velho mestre, percebeu que ele havia sumido, deixando para trás a carcaça de uma cobra morta.

Intrigado, decidiu retornar ao castelo. Alguns poucos passos foram suficientes para Hugo encontrar novamente o velho Mestre, que pediu a ele que retornasse ao local no final da tarde, em horário próximo ao das primeiras manifestações do luar, ocasião em que obteria respostas para grande parte de suas dúvidas. E concluiu, dizendo que, certamente, depois de assistir ao jogo de capoeira, as demais também seriam dirimidas.

No castelo, a agitação era total. Além dos funcionários preocupados em abastecer os banheiros dos quartos de todos os hóspedes ali presentes, ainda havia a movimentação da polícia, capitaneada pelo seu chefe e pela delegada, buscando uma constatação do que se sucedera.

Àquela altura, o anfitrião já não mais sangrava, apenas permanecia desmaiado, ao contrário dos demais, que não paravam de circular, ainda acometidos pelo desarranjo intestinal.

A princípio, pensava-se em duas situações diversas, ou seja, um envenenamento coletivo para os convidados ou uma tentativa de homicídio, tendo como alvo o anfitrião.

A polícia se reuniu com o Promotor Vieira para dar início às investigações, após coletar as provas periciais e a oitiva de todos aqueles que estavam no castelo, obviamente incluindo os funcionários e a governanta. Nada deixariam passar.

O castelo seria vasculhado de “cabo a rabo”. E, naquele momento, decretou-se proibindo a todos ausentarem-se do castelo, apesar do protesto de alguns, sob o fundamento de que aquilo era um cárcere privado.

Nunca se ouviu tanta besteira em tão pouco tempo, com histórias desconexas e vultos envolvidos. Em poucos minutos, todos se tornaram suspeitos não só do que ocorrera com o anfitrião desmaiado como também com os demais.

O mais impressionante é que não se conseguia retirar o anfitrião do castelo, pois todos os veículos haviam ficado sem bateria e o local se tornara incomunicável, sem qualquer explicação plausível, a não ser a tempestade que insistia em cair, invertendo o dia, como se ele fosse noite.

A tempestade repleta de relâmpagos, de raios com sucessivos clarões, revelava a beleza da natureza. A chuva vinha acompanhada de fortes ventos e pedras de granizo que, indo de encontro às janelas do castelo, tornavam o ambiente assustador.

Não bastou muito para que a energia do local desaparecesse.

Se o dia se fazia noite, os mistérios do castelo floresciam e, mesmo naquela escuridão, todos aqueles que estavam presentes seriam ouvidos, pois a equipe destinada à investigação era destemida, primorosa e estava decidida a descobrir o ocorrido. Iriam além do horizonte, ultrapassando a visão do celeiro, para buscar respostas. Iriam, inclusive, até o tal Mestre, que o detetive Hugo citara há pouco, para colher informações.

Enquanto colhiam, aos poucos, os depoimentos dos convidados, ouviam, misturado ao som da tempestade, um canto acompanhado de berimbau, pandeiro, atabaque e palmas, muitas palmas.

Sem entender muito bem o que se passava, a curiosa delegada e seu investigador português, despreocupados com a enxurrada de água que caía do céu, foram se certificar sobre o lugar de onde aquele som vinha.

A delegada e o investigador português, que, já cansado tinha a sensação de ter andado milhas e milhas no percurso de apenas 1 km, avistaram o celeiro. Despreocupada com o que ali encontraria, a destemida delegada chutou a porta e invadiu o recinto. Mas, embora escutasse “Sai, sai, Catarina...”, nada encontrou por ali. O local estava completamente vazio.

Quando retornaram ao castelo, encontraram o detetive Hugo pálido e todo sujo de lama. Interpelado sobre seu estado, o detetive explicou que, ao entrar naquele celeiro para ter com o tal Mestre, foi convidado pelos demais presentes a participar de algo que envolvia seu corpo, sua mente e sua alma. Disse ter sentido seu corpo entrar em transe, e que a única coisa da qual se lembrava era o seguinte canto: *“Êêê, me leva pra Luanda manhê / Me leva pra Angola mainha / Angola, velha Luanda, não deixo de recordar. A saudade é nostalgia / Eu canto é pra não chorar, ô me leva...”*<sup>2</sup>

A delegada então retornou ao celeiro e, após vasculhar o local, constatou nas imediações a existência de uma bela cachoeira, envolvida pela bela mata e por pedras.

---

<sup>2</sup> Música de Capoeira “Me leva pra Luanda” Autoria: Contramestre Edilson de Souza Melo”, do Grupo Origens do Brasil. Música do CD do grupo.

Ao avistar o tal Mestre sentado sobre uma dessas pedras foi ter com ele, sem se importar com a chuva.

Sem querer dizer seu verdadeiro nome, por ser conhecido apenas como Mestre, o velho contou a ela sobre o local, explicando-lhe sobre o “sol, a terra e o mar”<sup>3</sup>.

Falou sobre os escravos do celeiro e sobre o casal do castelo, contou-lhe como foi sua morte e a daqueles que cantavam e jogavam capoeira ali naquele lugar.

Explicou-lhe sobre a existência de uma erva daninha, que gerava o tal “desarranjo intestinal”, e como quebrar o feitiço.

Enquanto conversavam sentados na gigantesca pedra, surgiu o Saci Pererê<sup>4</sup>, pedindo ao Mestre um fósforo para acender seu cachimbo e desaparecendo logo em seguida.

A delegada gargalha, cumprimenta o Mestre e sai, achando graça de tudo aquilo.

Cai a noite no castelo. Acomodado em um quarto vazio, o cético chefe de polícia escuta o barulho de correntes se arrastando. Procura a origem daquele mistério e encontra o Promotor Vieira, também a buscar respostas.

Nesse mesmo momento, a delegada e o seu fiel investigador português estão na cozinha em busca dos vestígios anunciados pelo tal Mestre.

Sem nada encontrar, lembra que o Promotor Vieira é pós-graduado em Perícias Criminais. E, explicando a ele tudo o que ouviu, solicita ajuda.

---

<sup>3</sup> Trecho da música “Eduardo e Mônica” (Legião Urbana).

<sup>4</sup> Aquele mesmo de Monteiro Lobato, ou que, segundo a lenda, perdeu uma das pernas numa luta de capoeira (vide site [suapesquisa.com.br](http://suapesquisa.com.br)). O site [www.infoescola.com.br](http://www.infoescola.com.br) explica que, entre várias lendas, uma das mais contadas é a de que “o Saci se transformou em um garoto negro de características físicas africanas. Alguns acreditam que a ausência da perna se deveu a uma perda sofrida em uma disputa de capoeira, luta praticada pelos negros africanos. Também ganhou um cachimbo, típico dos costumes africanos. Da cultura europeia ganhou um elegante barrete vermelho que, reza a lenda, é a fonte de seus poderes mágicos.” Só a título de esclarecimento: há uma grande diferença entre ser jogador de capoeira e ser um capoeirista. A definição está no CD do grupo Origens do Brasil

Panelas, pratos, frascos, geladeira, potes, gavetas, armários, tudo é revirado.

Com o castelo ainda sem luz, a procura é feita com lampião e lamparina, que ajudam a clarear o ambiente.

No meio da busca, quando o lampião clareia um canto da cozinha, avistam um grupo de sete pessoas, todas usando calça e camiseta branca, acompanhado do tal Mestre, também vestido de branco. Apesar da idade avançada, o rosto do velho tinha uma aparência jovial e seu corpo parecia bem tratado, típico daqueles que passaram a vida entre moinhos de cana, machados, grimas, facas e jogo de capoeira.

A cozinheira chefe, cujo nome era bem difícil de pronunciar, logo apareceu, e, sem preconceitos, fez a devida apresentação entre o real e o imaginário.

Sem entender o que estava acontecendo, o chefe de polícia, o promotor, a delegada e seu fiel investigador português acenam para o grupo, que permaneceu ali parado, à espera de alguma ordem.

As autoridades se entreolharam. Em seguida, o chefe de polícia questionou-os, perguntando o que faziam ali, ao lado do Saci Pererê.

A explicação foi que estavam trabalhando para o dono Delmo e sua esposa Maricota há mais de duzentos anos. Falaram dos momentos difíceis que viveram ao longo desse período, como a invasão de guerreiros e soldados portugueses. E que o pior deles foi a morte de D. Maricota, enterrada embaixo do porão. Depois disso, aquele lugar nunca mais fora o mesmo, segundo eles.

O castelo havia sido construído para ela, conhecida por alguns como D. Morfética. Certa ocasião, após retornar, com o marido Delmo, da viagem a um país distante, D. Maricota – ou D. Morfética – pediu que fosse construída a réplica do castelo que mais lhe agradara, dentre todos os que lá conheceu.

Quando o castelo ficou pronto, ela morreu, e seu marido, desconsolado, enterrou seu corpo embaixo do porão da propriedade, onde também ele pediu para ser enterrado, pouco antes de falecer.

Desde que morreram, não só os donos do castelo como também alguns fiéis escravos, essas almas continuaram a habitar o castelo. E o incidente que acometera os convidados e o anfitrião é resultado da rebeldia desses moradores invisíveis daquele lugar, incomodados com a presença dos intrusos e temendo novamente perder sua posse e propriedade<sup>5</sup>.

Intrigado, o promotor indaga então sobre os herdeiros do Sr. Delmo. A cozinheira chefe se manifesta, dizendo conhecer o conto do castelo, já que sua avó havia sido uma das escravas dali e ainda vivia, juntamente com seu avô, um grande capoeirista. Assim, começou a explicar o que sucedera.

Explicou que o Sr. Delmo era um homem muito culto, viajado, bom senhor de escravos - era um dos poucos senhorios a deixar seus serviçais andar livremente, cantar, ir para o terreiro e jogar capoeira.

Tratados como homens livres, os escravos eram fiéis a seu amo, e protegiam o Sr. Delmo e D. Maricota dos malfeitores, onde se incluíam as bisnetas e os genros, que, interessados na herança, raramente visitavam o castelo. Desejavam apenas a morte dos sucessores daquela herança.

As bisnetas pareciam unidas, mas só porque possuíam negócios juntas. Com a morte dos antepassados, acabaram herdando uma fortuna. Fortuna esta que elas acabariam dilacerando para quitar dívidas de jogo.

Eram viciadas em bingo, e a dívida cresceu tanto que não lhes restou outra saída a não ser assinar um documento concedendo como garantia o imóvel, o qual, após anos de batalha judicial, fez com que o castelo fosse arrematado<sup>6</sup> em leilão por preço vil.

---

<sup>5</sup> Há diferença entre posse e propriedade. Vide artigo 1.228 e seguintes do Código Civil.

<sup>6</sup> Vide artigo 685-c e seguintes do Código de Processo Civil

Mesmo depois de morto, o Sr. Delmo e seus fiéis escravos, incomodados com a presença dos novos proprietários do castelo e inconformados com a decisão deles de modificá-lo integralmente, passaram a assombrar o lugar. Tornaram o ambiente assustador, arrepiante, com o objetivo de amedrontar todos os que lá adentrassem.

Arrastar correntes, provocar sustos com aparições indesejáveis, fazendo as pessoas desmaiarem, ou pior, enfeitiçar a comida para causar desarranjos intestinais - estas eram as principais formas de protesto dos irreais moradores do castelo.

E assim delegada acabou constatando o motivo real do atentado.

No entanto, o chefe de polícia e o promotor precisavam arranjar um culpado para apresentar ao anfitrião, que, naquele momento, acordava do desmaio provocado pela manipulação do “chá de jurema” que lhe foi servido. Os dois apressaram-se em informá-lo sobre a ocorrência do atentado, cuja causa específica foi descoberta pelo promotor<sup>7</sup>, implicando a constatação de um suposto responsável.

O anfitrião havia sofrido um atentado por meio de envenenamento com amendoim triturado no seu uísque. O responsável certamente sabia que o anfitrião era alérgico a amendoim, pipoca, castanha de caju e outros petiscos dessa natureza, que costumam acompanhar o bom e velho “caubói” para muitos, mas que nele provocariam efeitos nefastos, principalmente se enfeitiçado.

Foi então solicitado ao cético chefe de polícia que levasse o culpado ao juiz local – Dr. Cruz –, conhecido como o mais sábio dos homens, porém possuidor de um único defeito. Qualquer suspeito que fosse apresentado a ele deveria estar algemado<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Seria necessário a abertura de inquérito policial para averiguar o caso. Vide matéria do advogado criminalista Marco Aurélio Vicente Vieira sobre o tema no site: [www.oabsp.org.br/comissões](http://www.oabsp.org.br/comissões).

<sup>8</sup> STF editou a Súmula Vinculante 11, com o seguinte teor: "Só é lícito o uso de algemas em caso de resistência e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia, por parte do preso ou de terceiros, justificada a excepcionalidade por escrito, sob pena de responsabilidade disciplinar, civil e penal do agente ou da autoridade e de nulidade da prisão ou do ato processual a que se refere, sem prejuízo da responsabilidade civil do Estado".

Aquela situação era humilhante, pois tanto o chefe de polícia quanto o promotor sabiam que o “culpado” era apenas vítima de uma situação, e que, tão logo tudo fosse esclarecido, certamente o Dr. Cruz iria liberá-lo.

No entanto, mesmo sentindo-se entre a cruz e a espada, o chefe de polícia, já dentro do Fórum, solicitou ao investigador português que procurasse um par de algemas para que o culpado fosse apresentado e posteriormente liberado.

Assim, o investigador português, que conhecia tudo e todos, ao avistar a D. Zeza – proprietária de um *sex shop* virtual –, que passeava pelo Fórum, entregando seus produtos àqueles que os haviam adquirido pela internet, pediu-lhe emprestada uma algaema de plástico.

Esperto, como de costume, ao receber as algemas de plásticos com rendas, lantejoulas e afins, cobriu-as com uma fita adesiva para ocultar os tais apetrechos cor-de-rosa e algemou o culpado.

O culpado, mantendo sempre as mãos para trás, de modo a não expor o estado das algemas, foi liberado pelo juiz e a situação ficou resolvida.

Restava agora, a pedido do Sr. Delmo, resolver a questão do castelo.

Dias depois, por obra do acaso, um dos advogados que fazia parte daquela reunião secreta da cúpula vermelha foi contratado pelas herdeiras para impugnar a arrematação a preço vil<sup>9</sup> do castelo.

Após longa batalha judicial, o castelo retornou ao poder da família do Sr. Delmo, que ali decidiram instalar um museu aberto ao público, com visitas monitoradas. O castelo entrou para o rol dos lugares mal-assombrados na cidade.

**FIM**

---

<sup>9</sup> Há muitas decisões anulando arrematações com fundamento em preço vil, muito abaixo da avaliação feita pelo perito judicial.

